

Imagens sócio-linguístico-culturais em "O Moleque Ricardo" romance de José Lins do Rego

Imagen socio-linguístico-cultural en "El Moleque Ricardo" romance de José Lins do Rego

"El Moleque Ricardo" José Lins do Rego
rembiapokue ñehesa'yo ñe'ê ha tekopy rupive
The Socio-Linguistic Image of the Novel "O Moleque Ricardo" by José Lins do Rego

Celso Manoel Ricardo

PUC Paraiba Universidade e Colégio y Escola de Magistério
de Bayeux Helena Hadman Pires (Brasil)

Nota del autor

Catedrático de Literatura Brasileira y Lengua Portuguesa
profcelso Ricardo@hotmail.com

Resumen

Este artículo procura hacer un análisis socio-linguístico-cultural del romance "O Moleque Ricardo", del escritor José Lins do Rego. La narrativa sugiere la relatividad de las verdades históricas absolutas, rebelando un enriedo incitante cuya tónica se encuentra en las peculiaridades sociales, políticas y económicas en que vivían los trabajadores de panaderías en la ciudad de Recife, capital de Pernambuco, durante El período de repressão. La lucha que emprendieron para cambiar la sociedad establecida a través de la unión y organización de clases. Con el objetivo de enfocar los aspectos generales que involucraron las estrategias narrativas adoptadas en el romance, que según Virgínius da Gama e Melo, "O Moleque Ricardo" es el más completo romance político de nuestra lengua. Analisamos las relaciones que se pueden

establecer entre el texto de José Lins y las categorías creadas alrededor de lo que se llama "arte interrelacionada". Aquí intentamos demostrar las posibles relaciones existentes entre la literatura brasileña de la década de '30, elaborada a partir de grandes cuestiones políticas y sociales que estaban en pauta en el país en aquellos años, principalmente en Recife. Hay "realismo socialista" producido en la antigua Unión Soviética, con los cuales la escritura de "O Moleque Ricardo" habría dialogado con este ideologismo. Otro aspecto que bien analizamos en el romance son los trazos lingüísticos, en los cuales sobresale la oralidad, línea fuerte del escritor que se muestra fiel a los principios modernistas brasileños.

Palabras clave: Trabajadores, Exploración, Cultura, Language, Recife

Mombykypyre

Kóva ko tembiapópe oñeñehaã oñehesa'ýjo "El Moleque Ricardo", haihára José Lins do Rego rembiapokue, ñe'ê ha tekopy rupi. Ko mombe'u ohechauka umi mba'e oñemombe'úva ymaite guive añeteguáramo nda'upeichaiha, ha oikuaauka javo'ói ohasáva hekohápe opa hendáichami umi tapicha omba'apóva panadería-pe táva Recife, Pernambuco tavusúpe represiún vai puku aja. Umi mba'apohára ojoaju ha oñorairõva'ekue omboropoi potávo rekovekuéra ambue hapicha mba'apohára ndive. Ko haipyépe ojehechauka heta mba'e ojeoporúva oñemombe'u haña opa mba'e oikóva. Virgínius da Gama e Melo, "O Moleque Ricardo" niko he'i ko tembiapokue ha'eha mombe'u mborayhu ha política rehegua tuichavéva ko ñe'ême. Oñehesa'ýjo mba'éichapa ojoajukuaa José Lins aranduka ha umi tembiporu oñemoheñoiva'ekue "arte interrelacionada" pojoapýramo. Ko'ápe roñehaã rohechauka mba'éichapa ojoajukuaa Brasil ñe'êporãhaipyre yma sa'ary '30 rupi guare, ojeguerajeráva opa teko jejopy ha ñemongu'e ojehasáva upe tetãme upéramo ári, ko'ýte Recife-pe. Ipye ojejuhu "realismo socialista" oñehenóiva; kóva oñemoheñoiva'ekue Unión Soviética-pe; umíva ndive "O Moleque Ricardo" haipy oñomongetáne raka'e. Ambue mba'e rohesa'ýjo poráva ko tembiapokuépe hína ñe'ê jeporu; ojehechakuaave ñe'ê ayvu jeporu, ojejapoháicha modernismo Brasil-guápe.

Mba'e mba'e rehepa oñe'ê: Mba'apoharakuéra, Teko jejopy mba'apohápe, Tekopy, Ñe'ê, Recife.

Abstract

This article seeks a linguistic-socio-cultural analysis of the novel "O Moleque Ricardo", by the writer José Lins do Rego. The narrative suggests the relativity of absolute historical truths, revealing an intriguing plot whose keynote is found in the social, political, and economic, peculiarities in which the bakery workers in the city of Recife, capital of Pernambuco, lived during the period of repression. The fight that they undertake is to change a society established by class unity and organization. The aim is to focus on the general aspects involving the narrative strategies adopted in the novel, which according to Virgínius da Gama e Melo, (*O Moleque Ricardo*) is the most complete political novel of our language. We analyze the relationships that can be established between the text of José Lins and the categories created around what is called "engaged art". Here we try to show the possible relationships existing in Brazilian literature of the decade of the 30's, drawn from major political and social issues which were on the agenda in the country in those years, especially in Recife. There is the ideology of "socialist realism" produced in the former Soviet Union, with which the writing of "O Moleque Ricardo" converses. Another aspect that we analyze well in the novel are the linguistic traits, of which stands out is the use of colloquialism, a particular strength of the writer that shows itself loyal to the principles Brazilian modernists.

Keywords: Workers, Exploration, Culture, Language, Recife

Resumo

O presente artigo procura fazer uma análise linguístico-sócio-cultural do romance *O Moleque Ricardo*, do escritor José Lins do Rego. A narrativa sugere a relativização das verdades sociais absolutas, revelando um enredo instigante cuja tônica encontra-se nas peculiaridades sociais, políticas, econômicas em que viviam os trabalhadores de padarias na cidade de Recife, capital de Pernambuco, durante o período de repressão. A luta que empreendem para perverter a sociedade estabelecida através da união e organização de classes. Objetivando focar os aspectos gerais que envolveram as estratégias narrativas adotadas no romance, que segundo Virgínius da Gama e Melo, *O Moleque Ricardo* é o mais completo romance político de nossa língua. Analisamos as relações que podem ser

estabelecidas entre o texto de José Lins e as categorias criadas em torno do que se chama “arte engajada” ou romance socializante. Aqui tentamos demonstrar as possíveis relações existentes entre a literatura brasileira da década de '30, elaborada a partir de grandes questões políticas e sociais que estavam em pauta no país naqueles anos, principalmente em Recife. Percebemos um “realismo socialista” produzido na antiga União Soviética, com os quais a escrita de *O Moleque Ricardo* teria dialogado. Outro aspecto que ora analisamos no romance são os traços linguísticos, nos quais sobressai o coloquialismo, linha marcante do escritor que se mostra fiel ao princípio modernista brasileiro.

Palavras-chave: Trabalhadores, Exploração, Cultura, Linguagem, Recife

Imagens sócio-linguístico-culturais em “O moleque Ricardo” romance de José Lins do Rego

José Lins do Rego escreveu doze romances. Desses, de acordo com Peregrino Júnior¹, seis pertencem ao “Ciclo da cana-de-açúcar” – como alguns críticos costumam classificá-los –, em que são abordados os temas da vida dos engenhos na zona da mata, do povo e vilarejos da Paraíba, espaços e cenários de origem do escritor, que cresceu em meio aos engenhos e aos trabalhadores semi-escravos. Somente um livro deste desse ciclo nos apresenta uma outra realidade nacional: *O Moleque Ricardo* – da chamada série “ciclo da cana-de-açúcar”, Para alguns apologistas trata-se de uma obra de transição, em que está registrada a história do movimento operário de padaria e estudantes universitário ocorrido em Recife na década de 30 e a decadência dos engenhos no interior da Paraíba.

Publicado pela primeira vez pela editora José Olympio, em 1935. *O Moleque Ricardo* é o romance mais político que José Lins do Rego escreveu. Dividida em trinta e três capítulos, a narrativa obedece a uma determinação cronológica e a um andamento linear. Para atender ao seu projeto literário, o autor recompõe o ambiente histórico e contextualiza o desenvolvimento da organização operária recifense, além de revelar os segredos da alma e do caráter de personagens fictícios. É assim que *O Moleque Ricardo* vem demonstrar, completar ou mesmo ampliar de forma distinta a história de luta dos trabalhadores das indústrias de panificação da localidade durante a década de 30 do século XX.

Utilizando-se do espaço urbano e vez por outra recorrendo a lembranças da zona da mata, como palco das ações dos personagens, o autor consegue resgatar os valores, costumes e hábitos de seus moradores, trazendo ao presente o seu pensamento, as motivações e o imaginário que guiaram o desejo de mudança existente naquele pequeno universo, localizado no Nordeste do Brasil.

¹ Organizou uma antologia de Ronald de Carvalho e escreveu ensaios sobre José Lins do Rego, Graciliano Ramos e estudos sobre temas da literatura brasileira. O ensaísta expressa preocupação com o destino da cultura brasileira, a partir da pesquisa de raízes e divulgação de sua autenticidade. Na crítica, levanta aspectos importantes da obra de vários escritores brasileiros.

No início da história o engenho recebe uma carta falando da volta de Ricardo. A partir deste momento o narrador começa a descrever a história: Ricardo um dia sentiu pela primeira vez a tentação de fugir do Engenho Santa Rosa, de ver outras terras, de ir para a cidade, conhecer o Recife.

Foi o trem que lhe deu o toque na alma; foi o apito da máquina, ecoando no seu coração, que lhe amadureceu a idéia da evasão. A fuga do moleque revela o seu primeiro conflito interior, na luta entre o desejo de partir e a pena de abandonar o engenho, de deixar os seus, a mãe Avelina, o pequeno Rafael, os outros irmãos, “o rio que corria barrento no mês de julho”. Ricardo olhou para ele como se uma saudade já estivesse suspirando no seu coração. A ternura é a corda mais sensível de Ricardo, a que sempre vibrará na alma desse negro bom, em que não haverá jamais revolta ou rancor.

O antigo moleque de engenho, cria do coronel Zé Paulino, tem um fundo humilde; uma dobra de submissão, incompatível com os arroubos revolucionários e os arrancados demolidores. Chegando ao Recife, ei-lo empregado na casa do chefe do trem que o arrastou a fugir do Santa Rosa e já muito feliz com a sua ascensão, deixando a bagaceira e não sendo mais um “alugado”.

Mas a sua nova vida começa de fato com o emprego na padaria de Seu Alexandre. A evocação da padaria, na rotina de cada dia, é de uma verdade tão nítida, que toda gente vive diante de nós, vive em nós, como aquelas criaturas que encontramos realmente no nosso caminho.

Seu Alexandre, o português dono da padaria, vivia torcendo o bigode, de mangas de camisa, dando ordens em tom áspero atrás dos grandes vidros de bolachas. No seu egoísmo cândido, trabalhando feio e forte e exigindo dos empregados e de sua mulher, essa resignada D. Isabel, o máximo de trabalho, o máximo de esforço, o que Seu Alexandre quer é ganhar dinheiro, e juntar dinheiro. Ricardo, negro de coração, moralmente superior a Seu Alexandre, sem ambições, sempre apiedado da sorte dos que sofrem, sem nunca se rebelar de frente contra o português, sem lhe faltar com o respeito (Ricardo era moleque de estimação, bonzinho, bem criado, que brincava com o menino do engenho), implicava com o

patrão, não gostava dele, achava-o mau para com os companheiros.

Entre esses, o que se tornou mais próximo, aquele a quem ajudou como a um irmão, foi Florêncio, o masseiro, que vivia no sórdido mocambo da Rua do Cisco, carregado de família, com uma filha paralítica. Florêncio fez Ricardo sócio da Sociedade de Resistência dos empregados de padaria e falava-lhe de greves, de movimentos, do Dr. Pestana, o chefe dos operários.

José Lins mostra o que é a vida dessa pobre gente, rastejando na lama, alimentando-se dos caranguejos do mangue, respirando dia e noite um ar imundo, numa ausência de higiene, numa promiscuidade, numa miséria, que gritam contra a ordem social que permite, bem junto de cidade civilizada, espetáculo tão revoltante.

Diante disso, Ricardo achou que havia gente mais pobre que os pobres do Santa Rosa e, por piedade, por solidariedade humana, lá se foi deixando levar de roldão pela gente que o Dr. Pestana, na sua exploração política e na sua literatura mal digerida, manobrava, sonhando com uma cadeira de deputado.

Quem lhe abria os olhos, quem procurava desviá-lo desse caminho era Seu Lucas, o jardineiro negro, sacerdote de Xangô². Para Seu Lucas, "cantar era melhor. Cantar para o céu as suas desgraças, chamar Deus em socorro de suas necessidades".

Os amores de Ricardo vão se sucedendo. Primeiro foi Guiomar; veio depois Isaura; por último, Odete. Guiomar passou rápida na sua vida, deixando o rastro de um sonho, de um sorriso. Já Isaura atizara a sua luxúria, fizera-lhe sulcos, pisara-o. Odete era diferente. Amor de donzela, com a mãe à espreita, cujo fim só podia ser o casamento.

Ricardo casou-se, fez-se homem sério, de família, e foi morar com o sogro,

² Divindade do fogo e do trovão e da justiça de acordo com a cultura afro-brasileira. Tem grande importância nos segmentos do candomblé. Xangô é um Orixá temido e respeitado, é viril, porém justiceiro, Seu símbolo principal é a machada de dois gumes. É comum denominar um templo de candomblé de Xangô.

Seu Abílio, um dos tipos melhores do romance, valentão, capaz de enfrentar qualquer capanga de família poderosa em Pernambuco e que, perdendo uma perna numa briga, mudou de vida, de gênio, de caráter, passando a viver para suas gaiolas de passarinhos. Mas Ricardo foi infeliz no casamento; Odete ficou logo doente, sempre com febre, querendo o marido junto. E o moleque começou a sentir uma repulsa invencível, a fugir dela, a voltar para Isaura, a negra que falava à sua luxúria.

Quando Odete morreu, teve remorsos horríveis, julgou-se um miserável, um assassino, passível de cadeia, mas a vida venceu. Agora, o homem que tinha influência nas conversas da padaria, que falava dos direitos dos operários, que acreditava numa porção de coisas, que confiava na sua realização era Sebastião. Que faria esse Sebastião de Ricardo? A que seria arrastado o moleque do Santa Rosa? Bem que Ricardo pensava em voltar para o engenho, em ir viver com a sua gente. O negro, porém, se deixava levar pelas palavras de Sebastião, foi acreditando nelas.

O dia estourou uma greve, como nunca houvera antes, com o Dr. Pestana à frente e a ela todos aderiram. Fecharam-se as padarias. Ricardo era também grevista. O moleque Ricardo, tão manso, tão serviçal, tão sem revolta na alma e sem rancor no coração, estava entre os que se rebelaram, entre os que queriam uma vida melhor, um pão mais farto.

A greve fracassou. A polícia caiu com violência em cima dos operários e o fim de tudo foi afinal a prisão e partida para Fernando de Noronha³. Para o presídio onde se acumulavam os piores criminosos, iam aqueles pobres pretos, que não tinham noção do mal que tivessem feito, mas Dr. Pestana, esse ficava e nada lhe acontecia.

Jesuíno pensava nos filhos e, já a bordo, o vapor saindo devagarzinho, gritava para Seu Lucas: - “Pai Lucas, toma conta dos meninos!” (p.306) E seu

³ O Arquipélago de Fernando de Noronha é formado por vinte e uma ilhas, numa extensão de 26 km², tendo uma principal - a maior de todas também chamada “Fernando de Noronha” -, como única ilha habitada. As demais estão contidas na área do Parque Nacional Marinho e são desabitadas, só podendo ser visitadas com licença oficial do IBAMA. Porém no passado este paraíso era uma prisão de segurança máxima.

Lucas, com a partida dos negros, sentiu o que jamais sentira antes. Que fizeram os negros? Que fizeram Ricardo e Jesuíno? Mataram? Roubaram? Ricardo foi para Fernando de Noronha, expiar o seu crime, o crime de ser bom, de acreditar nos companheiros...

Retratando a vida de trabalhadores, de empregados de padaria, de negros de mocambos do Recife, o livro é escrito em linguagem falada, predominantemente oralizante com os modismos e as locuções típicas da região.

O que há propriamente de romance em *O Moleque Ricardo* não são as greves de que ele nos dá notícias, não são os fermentos de inquietação social do meio em que a ação do livro se desenrola, não é a propaganda socializante que se denuncia aqui e ali; é a própria vida de Ricardo, moleque bom, serviçal, esperto.

O Moleque Ricardo, romance pelo seu interesse humano que possui, é também uma obra poética.

Enquanto na grande maioria dos registros históricos ou mesmo nos nossos melhores romances a chamada classe operária quase nunca fala ou consegue manifestar plenamente suas ideias e desejos, ou, quando o faz, é pela interpretação do redator oficial da história ou pela voz de um escritor, na narrativa de José Lins verifica-se que há preocupação em subverter essa situação, pois nela, a princípio os trabalhadores, além de fazerem ouvir sua voz, expõem seus pensamentos e angústias, discutindo e procurando dessa forma entender o processo político em que estão envolvidos, para, assim, conseguir transformá-lo. Apesar do insucesso.

É nessa perspectiva que encontramos em *O Moleque Ricardo* uma acentuada consciência literária. A inserção do conflito de classes no universo ficcional não se deve ao único propósito de fornecer subsídios à trama ou verossimilhança à história, mas traz principalmente em seu arranjo a intenção de presentificar o passado, preservar a memória social e conferir historicidade a fatos de uma época importante no desenvolvimento desta região. Assim, ao reproduzir uma relação viva entre um momento da história do Recife e sua classe operária, o autor, além de descrever o estado subumano em que viviam esses indivíduos, assinala a

razão da miséria, da desigualdade e da opressão em que eles se encontravam, quando denuncia situações que, em grande parte, eram desconhecidas ou foram ocultadas da população local. *O Moleque Ricardo* constitui-se em oportuna fonte documental, indispensável à manutenção da memória da comunidade, já que expressa intensa e realisticamente as concepções, preocupações e anseios de um grupo de trabalhadores cujas vidas, representadas na ficção, trazem lembranças de um período de efervescência política, social e econômica.

Segundo Virgínius da Gama e Melo⁴, *O Moleque Ricardo* é o mais completo romance político de nossa língua. Ainda que seus componentes narrativos mais visíveis o caracterizem de imediato como um autêntico romance emotivo. Com base na crítica literária, consideramos que o “romance tradicional”, dentro de uma perspectiva ampla, é o texto narrativo em que o autor abdica de seu tempo e tenta reconstruir, através da ficção, o episódio histórico, detalhe por detalhe, batalha por batalha, feito heroico por feito heroico.

Por outro lado, encontramos também em *O Moleque Ricardo* a realização de uma narrativa ficcional intensamente engajada na luta política de sua época, expressando alguns princípios do “realismo socialista”.

Embora duplo o empenho que o romance se propõe, apresenta-se de modo unívoco e executado de forma coerente. Empreender a análise crítica dessas premissas é uma das metas do presente estudo, em busca da consecução de seu objetivo: interpretar e compreender como as concepções estético-literárias difundidas pela chamada “Geração de Trinta” influenciaram a composição do romance *O Moleque Ricardo* e entender que José Lins do Rego lutou corajosamente com sua arte para promover a liberdade de consciência, a atitude e o caráter da classe operária, conclamando o espírito e o vigor revolucionário de homens de sua época.

A abordagem escolhida é a de partir de um contexto mais amplo para,

⁴ Virgínius da Gama e Melo exerceu a atividade de jornalista, escrevendo nos principais jornais de João Pessoa e de outros estados. Se destacou também como professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), lecionando ‘Literatura Hispano-Americana’, ensinando ainda ‘Teoria da Literatura’ e ‘Literatura Portuguesa’.

assim, compreender melhor as questões suscitadas pelo romance. Neste sentido, serão apresentados aspectos referentes às condições sociopolíticas do Brasil daquele período, como também a respeito da "arte proletária" proposta por alguns artistas da antiga União Soviética após a revolução de 1917, levando-se em consideração suas influências na realização da literatura de José Lins.

Sem encobrir os aspectos problemáticos que existem a respeito das teorias e práticas da "cultura proletária" ou do "realismo socialista", este trabalho pretende ainda interpretar as possíveis dissonâncias encontradas em um texto em que o autor, do mesmo modo que emprega tempo e esforço para produzir um objeto artístico, investe em uma dimensão político-educativa de sua escrita, ao abordar de forma objetiva o desenvolvimento econômico-social da cidade pernambucana e os possíveis meios de resistência da classe operária local para a transformação de sua penosa realidade.

O Moleque Ricardo passa ao leitor a ideia de uma narrativa inacabada, de uma condição político-social que ainda não pode ser resolvida. Isso porque a matéria natural e social inscrita na ficção está intimamente ligada à realidade histórica, com luz, com cor, com a intensidade dos sentidos e com a vida simples dos personagens. Uma realidade não estática, em eterna evolução, é o encontro da ficção com vida, com os sentidos e com a história, que muda, transita e pode ser observada e testemunhada no interior de cada personagem.

Um trabalho sem muito refinamento ou preocupação formal, que segue numa trajetória de mão dupla: de fora para dentro e do particular para o geral, em que enredo e personagens se entrecruzam com dramas pessoais e coletivos, buscando arquitetar uma saída para a trágica condição em que vivem. Contudo, não percebem que caminham para um acirramento cada vez maior das tensões sociais, que culminam no final do romance com a fatídica tragédia, que acarretou a prisão do protagonista e seus companheiros, todos condenados sem julgamento. Esta é, significativamente, a última cena de confrontação do romance, que demonstra assim a veemência da repressão policial sobre a classe operária naquele período.

Um dos aspectos originais de *O Moleque Ricardo* consiste, em primeiro

lugar, na intenção basilar do autor em apresentar a mais autêntica representação da fragmentação humana causada pelas determinações histórico-sociais e políticas da luta de classes; em segundo lugar, no caráter universal da obra, pois, na medida em que o capitalismo provocou o surgimento de uma sociedade global e unificada, os problemas e as aflições do mundo operário também se unificaram.

José Lins do Rego e *O Moleque Ricardo*: o escritor apaixonado e um narrador observador

Conforme a professora Maria das Neves Alcântara Ponte⁵, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em sua trajetória ficcional, José Lins tem lugar de destaque na moderna ficção brasileira. É um dos responsáveis pela importância do romance nordestino, marcado por uma atitude regionalista, numa corrente que leva como um dos idealizadores e teorizadores, o sociólogo Gilberto Freyre⁶. Retrata, como muita propriedade, o esplendor e a decadência do engenho de açúcar, substituindo, em seguida, pela usina que, por sua vez, determinará toda uma estrutura social e econômica da cultura canavieira do Nordeste. Em virtude desta importância, várias são as produções de estudos sobre esse magnífico escritor.

Vida e obra do escritor paraibano

José Lins do Rego, nascido no engenho corredor, na Vila de Pilar, hoje cidade de Pilar, Estado da Paraíba, nordeste brasileiro, nasceu em 03 de junho de 1901, é uma figura de expressão no mundo das letras em todo o Brasil. Membro da Academia Brasileira de Letras, ABL. Bacharel em Direito, foi promotor público em Manhuaçu, Minas Gerais, diretor de futebol do Clube Flamengo, chegando a presidente interinamente da Confederação Brasileira de Futebol, em 1950.

⁵ Maria das Neves Alcântara de Pontes foi Pesquisadora com Diretório de Pesquisa na UFPB e no CEFET/PB, com o Projeto LINGUAGEM E CULTURAREGIONAIS: Uma Visão Léxico-Semântica, estudiosa da obra “Menino de Engenho” de José Lins do Rego.

⁶ Freyre estudou na Universidade de Columbia nos Estados Unidos onde conhece Franz Boas, sua principal referência intelectual. Em 1922 publica sua tese de mestrado “Social life in Brazil in the middle of the 19th century” (Vida social no Brasil nos meados do século XIX), dentro do periódico *Hispanic American Historical Review*, volume 5. Com isto obteve o título *Masters of Arts*. Seu primeiro e mais conhecido livro é *Casa-Grande & Senzala*, publicado no ano de 1933 e escrito em Portugal

Edilberto Coutinho escreveu assim, na coleção fortuna crítica de Afrânio Coutinho, sobre a passagem de José Lins com diretor de futebol (p.117).

Os funcionários da época (anos 1940-1950) dizem que José Lins foi um excelente secretário e que exerceu a presidência de forma esplêndida. Aí se mostrou um anticartola. Pois cartola é o marajá do futebol, amigos das mordomias, inimigo o trabalho. Zé Lins foi um trabalhador do futebol. Nunca um cartola (p.121).

Desse contato que manteve com o mundo ligado ao futebol, inspirou-se para, no seu romance *Água-Mãe*, narra a história de um jogador com suas fases de esplendor e decadência. Obteve um bom material que o motivou a descrever as tristezas e euforias de um craque, através das observações feitas dos campos de futebol e até das amarguras experimentadas pelos jogadores.

Escreveu doze romances, publicados de 1932 a 1953, traduzidos em diversos países, exemplo: Alemanha, França, Inglaterra, Argentina, URSS, Espanha, EUA, Itália, Portugal, Coréia do Sul, etc. Seus romances têm a seguinte sequência de publicação: *Menino de Engenho*, 1932; *Doidinho*, 1933; *Banguê*, 1934; *O moleque Ricardo*, 1935; *Usina*, 1936; *Pureza*, 1937; *Pedra Bonita*, 1938; *Riacho Doce*, 1939; *Água-mãe*, 1941; *Fogo Morto*, 1943; *Eurídice*, 1947; *Cangaceiros*, 1953. José Lins também escreveu crônicas, memórias, literatura infantil, ensaios e conferências.

Aspectos linguísticos

O Moleque Ricardo talvez seja o romance da geração de 30 do Modernismo Brasileiro que melhor explora o campo semântico do leitor, seus textos são recheados de subjetividade, apresentados numa linguagem fundamentalmente metafísica, metafórica. Há uma exigência de aceitação de conhecimento linguístico, abrindo um leque de interpretação e todos os limites do campo semântico do leitor.

A professor, Maria das Neves Alcântara Pontes, pesquisadora na área de Lexicologia/Geo-etno-Sociolinguística da UFPb, em seu livro "*Lexicologia e significação posições teóricas*" afirma que: "a Palavra é a unidade de base da língua". Em *O Moleque Ricardo* essa base torna-se mais abrangente, talvez seja por esta

razão, que o pesquisador Mário Vilela diz que todas as palavras do português no Brasil são polissêmicas. Daí a riqueza de vocábulos na obra de José Lins do Rego.

Vários são os aspectos que fizeram de José Lins do Rego um escritor conhecido e respeitado na Literatura Brasileira, todavia é indiscutível que o traço mais marcante é sem dúvida a oralidade presente em todas suas narrativas e no romance *O Moleque Ricardo* não é diferente. A todo instante percebemos a recorrência à linguagem de nível coloquial, demonstrando assim uma fidelidade aos princípios do Modernismo Brasileiro, sobretudo nas duas primeiras fases, quando os escritores optaram por uma linguagem falada, produzindo textos que privilegiaram o coloquialismo linguístico.

Segundo Peregrino Júnior, em *Fortuna Crítica* de Alfrânio Coutinho, o processo expressivo de José Lins do Rego muito deve, como ele próprio confessava, aos narradores de história de Trancoso e de Assobrações e voz dos cantores cegos de feira dos Nordeste – aqueles cantadores que cantavam os dramas e as tristezas, e os amores do seu sertão. Está ele tão certo dessa verdade, que dizia – sangrando-se na veia da saúde, e talvez para explicar o desleixo e incorreção de que acusa o seu estilo – que preferiam a língua dos grandes escritores à gramática dos medíocres. Com a vinculação do romance com o povo, incorporou a sua problemática, a seu temário e ao seu estilo as peculiaridades mais genuínas das expressões coloquiais do Nordeste Brasileiro.

A principal característica estilística de *O Moleque Ricardo* é a linguagem falada, simples, popular.

Vejamos o que diz Sérgio Milliet a respeito da obra de José Lins do Rego sobre os traços linguísticos: “A língua usada por José Lins, na sua simplicidade espantosa, traz-nos uma riqueza “plutocrática” de brasileiro, de vocabulário, tanto quanto de expressão. Grande soma de regionalismos se agrega a língua, alguns dos quais, parece-me, insubstituíveis” (p. 411).

Os regionalismos e as gírias, os modismos, as frases feitas, enfim, são muito frequentes não só em *O Moleque Ricardo*, mas em todos os seus romances.

Na oralidade tudo são traços característicos, como será, também, o

emprego profuso de expletivos, possivelmente o que mais se destaca na prosa de O Moleque Ricardo: "Quando cresceu mais ficou mais de longe." "(...) mas o que estava era chorando." "de compouco estão tocando fogo no operário." "aí é que Sinhá Antonio chorava." "mesmo, quase que tudo para ele era ela que fazia" (p.32).

Elenquemos a seguir alguns traços linguísticos analisados em *O Moleque Ricardo*.

Léxico puramente regional

A contribuição de Zé Lins para com o vocabulário da literatura brasileira é inquestionáveis. Há ainda o vocábulo regional com seu imprevisito, às vezes simples alteração semântica de palavras de uso comum: *freguês* é quem compra, mas é também *arranjar outra freguesia*. D. Isabel era sem "*bondade*", quer dizer sem pose, sem orgulho; *marmota* é traição, farsa, que os doutores não iam fazer com os operários; "*seu*" Lucas "*cascavilhava*" a terra, e os meninos de Florêncio, o lixo; Ricardo tinha "*pegadil*" com Isaura, estava "*pegado*" com ela, com os velhos, na greve, estavam pegados no "*rifre*"; as moças do clube eram "*dada*", expansivas; Ricardo e a namorada procuravam os "*esquisitos*", os escondidos, isto é, os lugares desertos; o amor de Odete era "*cheia de cavilações*"; Sinhá Antonia sentia até o gorgomio o mau cheiro do mangue; D. Isabel não "*somoticava*"; não era avarenta, até dava esmolos; os rapazes do Recife eram "*sibites*" e faziam "*gatimonhas*".

Verbalização do povo

Botar é verbo de múltiplos sentidos, por isso, de muito uso "não botaram nenhuma gota de água nas plantas", dizia dona Margarida, quando perdia no bicho; "*seu*" Alexandre, depois do serviço, "botava-se para a mulata do chapéu-de-couro; Odete vinha do terreiro do xangô, "botando a alma pela boca". – "eu botava para fora esta negra que não me faz nada". – Seu Alexandre contando a ingratidão de Ricardo, que entrara na greve: "Botei-o dentro de casa." No quarto de Florêncio, agonizante, o canto de "*seu*" Lucas era "um gemido de alma botando-se para Deus".

Encostar também é verbo que, além do usual, tem outros sentidos: para Odete, é inércia, pois a mãe era quem fazia tudo, ela se "*encostava*". "Só me

encosto em homem que eu veja com jeito de gente”, dizia ‘seu’ Abílio; e, na boca do capanga, *encostar* tanto podia ser receber como dar proteção.

A construção dos pronomes

Zé Lins nunca foi fiel às regras gramaticais, sobretudo nas colocações pronominais.

O problema da colocação dos pronomes teve, também, portanto, o tratamento que lhe dar o povo, não apenas no nordeste. Qualquer mãe brasileira diria como Ambrósia: “Odete teria se diplomado” (p. 200).

Logo, o escritor tinha que dizer assim, para não tornar inautêntico o diálogo entre Ambrósia e o futuro genro.

A mesma observação pode ser feita em relação ao uso do pronome oblíquo em começo de frase, proibição enterrada há muito tempo pelos escritores modernos. Zé Lins escrevia como povo fala: “Me disse o pai Anselmo que os cabras de Pestana estão com o olho no Abílio.” - “Lhe perguntou a cabra” - “Me disseram que pegaram ele com roubo na feira do Bacurau.”

O emprego do “lhe” por “o”, pessoal, é traço de linguagem oral e da literatura popular, em várias regiões do Brasil. Explicação plausível será a atonicidade do “o” e de suas variações, que assim se aglutinam com as vogais próximas, desaparecendo ambigualmente na conversa. Haverá, pois na raiz do fenômeno, uma intenção de clareza, intrínseca nas comunicações e nas manifestações literárias do povo. Sendo essa ambivalência do “lhe” fenômeno geral e quase sem contraste, o escritor lhe deu acolhida, com a mesa amplitude: só excepcionalmente “o” e variações a parecem; o “lhe” é regra em *O Moleque Ricardo*: “No mundo não podia haver um homem que lhe batesse em alegria.” “Guiomar retirou bruscamente as mãos das grades de ferro, como se um tição de fogo lhe tivesse tocado” (p. 65).

Ainda em relação a pronomes, é frequente, como na linguagem popular o uso do caso reto em função objetiva direta: “o medo do moleque era que o homem se arrependesse e não quisesse mais ele” (p.35).

Pode ocorrer, entretanto, que o emprego do caso reto, em função complementar, resulte em ambiguidade. Por exemplo: falado do pai-de-santo e de seu jardim, diz o narrador: "seu Lucas amava o jardim do coronel. Ali na encruzilhada não havia outro igual vendia as flores para ele. O coronel dera ordem. Podia seu Lucas negociar com suas obras-primas sem susto" (p. 62).

Ate aí, seu Lucas é jardineiro e vendedor de flores, e o coronel, dono e beneficiário, pois: "'seu' Lucas vendia flores para ele" (p. 62).

Só no período seguinte fica explicado que o produto da venda ficaria para o pai Lucas: "um senhor de engenho não recebia dinheiro de pés de roseiras" (p.62).

O uso do Arcaísmo

Por diversas vezes encontramos arcaísmos tipicamente brasileiros no romance de Zé Lins. Um exemplo frequente é o uso do verbo *Botar* em vez do verbo *pôr*: "não botaram nenhuma gata de água nas plantas"; "botava-se para a mulata do chapéu- de-couro"; "botando a alma pela boca"; "eu botava para fora esta negra que não me faz nada"; "Botei-o dentro de casa"; "um gemido de alma botando-se para Deus".

Percebemos também a utilização do termo "seu", muito comum no romance *O Moleque Ricardo*, porém não com sentido de pronome possessivo e sim como pronome de tratamento, em sinal de respeitabilidade: "Seu Ricardo não é assim sério"; "Ele desejava de seu Lucas uma reza"; "Seu Genaro, o presidente, orgulhava-se do seu grau maior"; "Seu Alexandre puxando conversa"; "Vamos dançar, seu Genaro, seu Abílio".

A concordância e a regência oralizante

Quanto à concordância o escritor é fiel aos processos da língua coloquial regionalista, como diz Junior, mesmo, em certos passos, o risco de ambiguidade: "Essa desgraça só querem da gente o braço. Depois que vá pedir esmola." - "Nós ia trabalhar." - "quando tu te casa?" - "Florêncio, não te mete

com isto, deixa isto!” (p. 76).

Normalmente José Lins do Rego também acolhe a norma popular em relação ao “se”, indicativo de sujeito indeterminado, conservando o verbo no singular. Como escreve longo no primeiro capítulo de *O Moleque Ricardo*: “Quando se escutava os gritos lancinantes que ele tirava do seu instrumento...” (p. 33). “Se não fosse a doença da filha, Sinhá Ambrósia não invejava a vida de ninguém” (p. 252).

O autor de *O Moleque Ricardo* nunca foi ortodoxo na obediência às boas regras vernáculas de regência. Fiel ao falar do povo, teria que desprezar certas regras de regência, nascida algumas dos gramáticos e não da tradição do idioma. Não espanta, pois, tivesse escrito: “Era capaz daquele sujeito estar enchendo os seus povo idos de histórias” – “Capaz da menina esquece o moleque com a animação da viagem.” – “Capaz do “seu” Lucas com a razão.”

Expressões hiperbólicas e metafóricas

As hipérbolés representadas por adjetivos são outras demonstração da oralidade regionalista de Zé Lins, esvaziados de seu primitivo sentido, e que, destacados pela entonação enfática, funcionam como superlativos do próprio complemento. Logo no primeiro capítulo de *O Moleque Ricardo* um exemplo. O escritor está contando os derradeiros momentos que o moleque passa no bangüê, e o banho que deu no irmão caçula, a pedido da mãe, “O último serviço de Santa Rosa”; e porque o banho foi longo demais, e o Coronel Paulino andava aos gritos, chamando por ele, Avelina, a mãe, já estava “medonha de raiva”, quando Ricardo entrou em casa. Medonho, também, seria, mais tarde, o barulho da maxambomba na rua do Recife; e medonho ele próprio ficaria com o patrão, que deu um grito por ele, interrompendo o fio de suas recordações. Em todos os casos, é evidente a função intensificadora de medonho.

Metáfora vazia, puramente hiperbólica, aparece nesta frase: “levou Rafael para casa roxo de frio e com a boca melada de lodo do rio”. Ora, o menino era negro como Ricardo, não poderia ficar roxo de frio, onde se vê que o adjetivo deixa de exprimir cor para indicar intensidade. Na mesma frase, outra hipérbole:

"a boca melada do lodo do rio", em que a metáfora vazia vem do engenho, onipresente na memória do autor e na do seu personagem. Tanto que aparece com outros complementos: amor "melado de luxúria"; "canela melada de lama" etc.

De outras vezes a hipérbole vem representada por substantivo em função predicativa: "Jesuíno era uma besta de bondade." "Não bulindo com ele, é um carneiro." "pãozeiros e balaieiros que não eram bestas como ele...", "O homem era uma pamonha nas mãos de mulata." - "Está um cadáver."

Mais frequentemente a ação amplificadora repousa em verbos que aparecem com sujeitos e objetos inusitados: "Isaura enchia o negro da cabeça aos pés." - "O carnaval escancarava a boca por toda parte." - "As mulheres começam a debulhar os comentários." - "Os soldados entupiram a rua." - "As orquestras se rebentavam de entusiasmo." E uma série de metáforas aumentando a tristeza e a alegria, o egoísmo dos ricos, a desvalia do pobre.

Formas verbais como substantivos

Cabe, ainda, registrar o uso de formas verbais como substantivos. Logo na abertura de *O Moleque Ricardo*, vemos o moleque preocupado com a "fugida", forma de gosto clássico.

O uso do gerúndio é de grande efeito expressivo em José Lins do Rego, que o empregou frequentemente em várias circunstâncias e, como é natural na linguagem popular, para qualificar.

Ricardo quer saber se a namorada viajará com a família para o Rio; e ela, apanhada em flagrante de dissimulação: "Pai e mãe indo..." Os que desejavam sossego acima de tudo rejubilaram-se com o fim da greve: "Brigassem, se despediassem, que eles estando fora era o que servia." "O negro velho parecia que estava de olho esperando." De Guiomar, alguém conta, para consolar o negro Ricardo: "Nunca vi ela que não fosse com os dentes de fora rindo-se com o tempo." E quando ele se apaixona, feio, por Isaura, "sofria tanto, com a negra negaceando, que fora ao jardim com o feitiço". Seu Abílio volta para casa, sem

a perna e o emprego; a mulher insiste em conversar, puxa assunto; e ele: só se balançando. "Ricardo devaneia: " A mulher estendia na cama de vento [...]. De vez em quando tossindo, e o povo do "Seu" Lucas falando com Deus, os instrumentos roncando e as vozes das negras chamando pelo céu."

Frases feitas e sintagmas, um estilo regional

O aproveitamento de frases feitas e sintagmas de uso popular resultou em seleção e estilização da língua regional. E de tal forma estão os mesmo integrados no ritmo da obra que, muitas vezes, passam despercebidos ao leitor.

Alguns exemplos. As mulheres do engenho consolam Avelina, saudosa, do filho furgão: "levou Rafael para casa roxo de frio e com a boca melada de lodo do rio", "Seu" Alexandre manda o moleque levar um recado à casa da amante, e logo recomenda que volte "em cima dos pés". No bonde discute-se macumba, e alguém diz "vai atrás de reza de xangô". Um folião "se fez de besta" no ensaio do clube "comeram o bicho na faca". D. Isabel gemia de "corta o coração", mas a mãe trazia um "raio de esperança". De Florêncio a mulher dizia que ele estava "se concluindo", inesperada transfiguração do sintagma comum "se *acabando*". Sinhá Ambrósia e Odete ficam "saltando num pé só de tanta alegria", com a notícia da viagem para o Rio. Um operário descrente do líder protesta: "Deixar os filhos no oco do mundo, para o moleque Clodoaldo andar palpitando por aí afora?" Florêncio pede notícia da greve, mas "pergunta por perguntar." E conta que sentiu a dor de uma tijolada na "caixa dos peitos". A mulher aconselhava o Florêncio "nem como coisa" .

Giros sintáticos

Inumeráveis no texto alguns giros sintáticos, de cunho regional coloquial: "Rompe-mos por cima dele com umas duzentas braças de distância." "Chorava de besta que era." O patrão deixava que o jardineiro vendesse as flores em benefício próprio, porque "um senhor de engenho não recebia dinheiro de pés de roseiras". "Guiomar voltava para sua cabeça" e ele pensava convidá-la "para sair num passeio". " 'seu' Antonio chefiava a padaria "abrindo a boca" no sono mal dormido". O empregado dissera ao patrão "da família que ele sustentava". Recebe carta de casa contando que tinha mais um irmão e pensa: "Pedro devia

está pequenininho do tamanho que deixara Rafael", Isto é, do tamanho de Rafael quando ele o deixara. Quando D. Isabel morre, "seu" Alexandre fica urrando no quarto "num choro alto". Ao saber atentado "o patrão [de seu Abílio] manda dizer para que fosse uma pessoa (...) conversar com ele".

Sinhá Ambrósia pediu para Ricardo ir. E o aleijadinho contou: "me aleijaram. Me botaram na mesa, quando dei de me, estava aqui neste estado." O patrão "fazia questão por pão velho." Algumas palavras têm grande força expressiva nesses giros sintáticos, em principal *só e mesmo*. Citemos alguns exemplos: "No bonde, os operários só faziam bater com os pés, só protestavam com os pés". E Ricardo "se arrepiava só em pensar em briga ali no bagageiro". D. Isabel "só somiticava com ela mesmo". "Só poderia dormir assim, vendo aquele mundo de carne por perto, as carnes do marido". O irmão caçula, depois do banho de rio, ficou olhando para Ricardo, como se estivesse senhor do segredo. "Só coisa ensinada. "Em Recife havia gente na rua que só formiga." "seu' Alexandre só lhe fez dizer." "a meia noite na padaria, só se ouvia a chuva." Quando a mulher procurava conversa, o aleijado "era só se balançando". Na estrada do Santa Rosa, "de barulho só mesmo o das cigarras". O quarto do moleque "só dava mesmo para sua rede e sua mala de folha-de-flandres".

Raízes do imagético

De acordo com Peregrino Júnior imagens que lembraram a vida do engenho são frequentes: Ricardo, às vezes, justificava as traições que o patrão fazia à mulher, pensando que o leito conjugal já era "um leito de fogo morto". Um automóvel "*esbagaça*" um menino na rua, isto é, reduzi-lo a resto inútil, a *bagajo*. E há um homem, também feito em *bagajo*, *esbagaçado* em outro desastre. O Irmão de Ricardo tinha a boca *melada* de lodo; no engenho as canelas ficavam *melada de mala*; "seu" Lucas tinha as mãos *melada de estrume*; o próprio moleque, num exagero, se *lambuzava* de luxúria com a moleca Isaura. O seu amor é *açúcar*, e ele vive "*babado* de contentamento"; sua luxúria "entupia tudo",. Só deixando lugar para ela "*escorrer livre e gostosa*"

Percebemos claramente que estas imagens remetem a origem do protagonista da narrada, tudo fica evidente através dos vocábulos acentuados.

Cavalcanti Proença⁷ observa que é importante dizer que a oralidade do romancista, sendo, em última análise a estilização da linguagem falada, não se limita ao vocabulário, mas se estende a colocação das palavras na frase, composição dos parágrafos, ao emprego de formas verbais e pronominais não acolhidas na linguagem erudita e, em muitos casos, ao condicionamento do período escrito a entoação que se lhe deve dar na leitura. Em voz alta, como deve ser lido o romancista, pois é em voz alta que as pessoas se comunicam.

Aspectos sociológicos

Analisando a situação sócio-econômica em *O Moleque Ricardo* percebemos que a obra evidencia o Nordeste do Brasil durante a crise dos engenhos de cana-de-açúcar, especificamente na Paraíba e em Pernambuco⁸.

O impacto ante a modernização das cidades, a exemplo do Recife, e a luta do proletariado por melhores salários e melhores condições de trabalho também refletem no contexto da obra, impregnada de cenas vivas como as agitações grevistas no Recife: um verdadeiro cenário urbano em posição ao rural, região canavieira da Paraíba, da qual provinha o moleque Ricardo.

Na grande cidade Ricardo vai percebendo a brusca diferença entre a cidade e o campo, entre o Recife e o engenho Santa Rosa: “No engenho os trabalhadores eram alugados (...) ele ia se empregar” (p. 36).

Diferente do campo, na cidade “O dia todo é como se fosse de festa”. “(...) Na rua onde morava não havia casa grande. Todas as casas eram pequenas” (p. 39).

⁷ M. Cavalcanti Proença se tornou um marco da crítica literária com obras que demonstram extremo conhecimento e propiciam grande prazer. Proença destacou em diversos livros a força e as características fundamentais da literatura popular, dividida por ele em poesia narrativa, poesia didática e poemas de forma convencional. Em seus textos, o que se manifesta é, sobretudo, a determinação de uma expressão singularmente nacional. Morreu em 1966 no Rio de Janeiro.

⁸ Estado do nordeste brasileiro, cuja capital é Recife. Ao norte faz fronteira com a Paraíba e ao sul com Alagoas. Sua principal economia é o cultivo da cana-de-açúcar.

São vários os acontecimentos políticos e sociais que constituem a obra. Ricardo vive seus amores, suas saudades, num limiar entre o real e as lembranças do Santa Rosa, onde deixou sua família, suas raízes. Ricardo sente a adaptação ao novo lugar: "Para Ricardo aquela rua era diferente daquela onde nascera e se criara" (p. 41).

Ele sofre muito diante da nova realidade. Também o cenário rural aparece na obra em sua forma latente, nas lembranças de Ricardo, e divide espaço com o cenário urbano, quase em pé de igualdade. Ricardo lembra o tempo todo do engenho Santa Rosa, quer seja nos momentos de saudade e desilusão quanto às expectativas alimentadas em torno da cidade grande. O moleque Ricardo sente na pele os dramas do Recife ligando-os constantemente aos do engenho de onde viera, assim ele compara seus padrões, o novo seu Alexandre e o antigo o Coronel: "O coronel não fazia questão por besteira não" (p. 51).

A vida de empregado também nunca fora fácil na vida, apesar dos elogios do portuga Alexandre, "O negro vinha do serviço com os pés engelhados, com a canela melada de lama, como os trabalhadores do eito do Santa Rosa".

A adaptação ao ambiente urbano lhe dá experiência e mais resistência para vencer os desafios. Vê-se, também, que o moleque não é humilhado pelo patrão, apenas explorado, não passa necessidade e tem um lado solidário excepcional.

Quando alguém lhe pede um dia para entrar na Sociedade, ele se esgueira, mantendo-se afastado da entidade, sem nem desconfiar que aquela fosse a provável causa da futura ruína. Seu companheiro de trabalho, Florêncio, é o retrato mais claro da miséria humana: "O masseiro, a mulher, e quatro filhos, dormindo numa tapera de quatro paredes de caixão, coberta de zinco" (p. 70).

Um retrato fiel da desigualdade social provocada pela modernidade. Ricardo ainda percebe a diferença entre os fomalheiros da padaria e os do engenho, estes viviam melhores e as diferenças entre as noites da cidade e as do campo. O moleque tem compaixão das pessoas, ficando ao lado do amigo Florêncio até o último instante, mas mostrou também um lado frágil na morte de Odete.

Em síntese, não existem muitas diferenças entre o campo e a cidade, quando as desigualdades sociais predominam em tudo. Ricardo compara as duas “pobrezas” (a do Santa Rosa com a do Recife) desde a sua chegada, e, nestas comparações, fica evidente que a pobreza de lá (do Santa Rosa) não é tão cruel quanto a de Recife.

Segundo Virgínius da Gama e Melo *O Moleque Ricardo* é um livro dominado essencialmente pelo econômico, um econômico que se expressa politicamente. Há um divisar de causas nos fenômenos, umas raízes de conseqüências nessa proletarização urbana.

Na verdade *O Moleque Ricardo* é um romance de tese, apesar de todo apelo humanístico, o livro apresenta páginas de violenta ironia crua, que já conhecemos na Literatura Brasileira na obra do magnífico escritor Aluísio Azevedo.}

O Moleque Ricardo participa de uma natureza mais de acordo com os proletários romances russos e de alguns americanos de sua contemporaneidade. A autenticidade do tema do *O Moleque Ricardo*, entretanto, com a sua vivência vivida em Recife e do seu mural político, faz com que José Lins do Rego produza, realmente, uma obra original. Algo de antagonista, por certo, existirá no Dr. Pestana, no sentido da incipiente e íntima indiferença burguesa, que a esposa leva à consequência mais característica: a deputação federal.

Ricardo, amolecido pelo barro patriarcal do engenho Santa Rosa, afundada a infância no massapé gordo daqueles engenhos, vem florescer no Recife. É um esforço libertário do êxodo e, principalmente, um esforço libertário moral, o que aliás domina toda a obra angustiada do romancista paraibano, que temos pretendido fixar nestes trabalhos. Essa libertação moral se resume em Ricardo abandonando o engenho para que não lhe aconteça mais assistir às liberdades da mãe: “Às vezes com a lua entrando pelas telhas via tudo, mas fazia que não via. Ela reclamava: Olha o menino” (p. 32).

No Recife, na proletarização da padaria, o moleque passava a uma vida mais moral informada pelo trabalho, por aquele esgotamento físico que o suor gasto na padaria deixava. E, ao mesmo tempo, é naquele pão que o bom Ricardo vai tendo reveladas as suas facetas social da vida do Recife, ou melhor duma

proletarização urbana. Os seus amigos, companheiro de trabalho, desbastando as naturais distancias do início, vão pouco a pouco introduzido no íntimo. E Ricardo solteiro, bem morado e bem comido, vai penetrando naquela miséria. Ver os meninos no mangue: "Os meninos eram amarelos como os dos engenhos, mais eram mais infelizes ainda. Lá eles tinham o rio e a capoeira para entreter os vermes e o impaludismo. Os filhos de Florêncio faziam concorrência com os urubus, cascavilhando no Lixo" (p. 71).

Afastado o proletário do centro urbano, naquelas zonas circundantes características de toda cidade, vai ele procurando obter da terra ás formas de vida, os elementos de vida que a cidade lhe nega. O mangue é habitação, é comida:

O masseiro, a mulher e quatro filhos, dormindo numa tapera de quatro parede de caixão, coberta de zinco. Custava doze mil réis por mês. Água do mangue, na maré cheia, ia dentro de casa. Os maruins de noite encalombavam o corpo dos meninos. O mangue tinha ocasião que fedia, os urubus faziam pontos por ali atrás dos petisco. Perto da rua lavavam couro de boi, pelo de bode para o cortume de um espanhol. Morria peixe envenenado e quando a maré secava os urubus enchia o papo, ciscavam a lama, passeando banzeiros pelas biqueiras dos mocambos. Comiam as tripas de peixe que sacudiam pela porta a fora. O bicho feio ficava de espregia, esperando. Os filhos de Florêncio passavam o dia pelo lixo que as carroças deixavam. Um pedaço de maré que estava aterrando. Chegavam em casa, às vezes, com pressas magníficas: botinha velhas e roupas rasgadas, trapo que serviam para forrar o chão, tapar os buracos que os caranguejos faziam dentro de casa. Eram bons companheiros, os caranguejos. Viviam deles, roíam-lhes as patas, comiam-lhes as vísceras amargas. Cozinham nas panelas de barro, e os goiamuns de olhos azuis, magros que só tinha o casco, enchiam a barriga deles. Morar da beira do mangue só tinha esta vantagem: Os caranguejos. Com o primeiro trovão que estourava saíam doidos dos buracos, enchiam as casa com o susto. Os meninos pegavam os fugitivos e quando havia de sobra encangavam para vender. Para isto andavam de noite na lama com lamparina acesa na perseguição (p. 70).

O romanista opõe essa miséria contra a natureza, a beleza da natureza, como a insinuar que esse não foi o mundo que Deus Criou: “Quando chegaram no poste de parada, o sol descia com toda sua pompa de cores sobre o mangue cheio. Maré plena. Só se viam de fora os mocambos mergulhados. Havia ouro na água serena, um ouro de raios de sol, brilhando para a vista. Aquilo é como se fosse uma pilhéria de Deus. Para que gastar tanto luxo com lama, com excremento boiando, com tanta miséria?” (p. 155).

E a doença, ainda por cima comendo o que restava: “Todos ali tinham moléstia em casa. Quando não era filho era mulher, irmã, mãe, com seu pedaço de sofrimento” (p. 117).

Considerando as obras que integram o ciclo da cana de açúcar como componentes de um todo, reforçando a idéia de que constituem, de fato, um ciclo, é importante ainda salientar que a história de Ricardo, um moleque de bagaceira do Engenho Santa Rosa, acontece em paralelo a de Carlos de Melo, Personagem central de romance *Menino de Engenho*. Esse mesmo personagem aparece em *O Moleque Ricardo*, porém como coadjuvante. Note-se que é por volta do intervalo de tempo do distanciamento de Carlos do engenho do avô, que Ricardo foge do Santa Rosa para viver também no Recife, na tentativa de ser algo mais que um trabalhador de eito.

Na capital, depara-se com um mundo que jamais imaginava existir. O primeiro impacto é se dá conta de que receberia salário por serviço prestado, seria empregado e não um “alugado”, como no engenho. Tal fato irá contribuir não só para a formação de uma consciência social. Como também para a constituição de conceitos antes desconhecidos para Ricardo, como cidadania, luta de classes, exploração capitalista.

Mas no engenho Santa Rosa, sob os gritos do coronel José Paulino, Ricardo cresceu acreditando no sistema dominador/dominado como regulamentador do mundo, uma lógica um tanto injusta, mas “natural”, na medida em que um pobre feito ele nada poderia fazer para revertê-la. Essa crença, ao mesmo tempo que traduz um servilismo nato, demonstra, contraditoriamente, uma conscientização de Ricardo. Apesar de reconhecer

uma desigualdade instituída, sente-se ferido pela discriminação, pelo fato de nunca desfrutar das mesmas oportunidades de Carlos de Melo, o neto do senhor de engenho. É sabida por Ricardo a condição de submissão na qual se encontra, todavia, a aceitação soa como uma chibatada, porque lhe expõe, de forma clara, que nem todos os homens são iguais:

Nascera para ser menor que os outros. Em pequeno vivia pela sala com os senhores lhe ensinando graça para dizer. Os meninos brancos brincavam com ele. Mais tarde viu que não valia nada mesmo. Só para o serviço, para lavar cavalos, rodar moinho de café, tirar leite. Negro era mesmo bicho de serventia. Andava pelo mato, espetando os pés atrás do gado. Em casa mãe Avelina botava jucá e pronto. (...) E no entanto, quando Carlinhos ralava o joelho na calçada, corria gente de todo canto igual à dos outros. E sabia mesmo fazer tudo melhor. E apesar disso, quando o outro crescesse, seria dono, e ele um alugado, como os que via na enxada (p. 42).

No fragmento acima, Ricardo demonstra uma percepção bastante clara do contexto social em que está inserido. Possui discernimento perfeito, o que não quer dizer que seu comportamento seja marcado pela revolta, o que implicaria, necessariamente, uma tentativa de mudança da ordem instituída. Sua mentalidade encontra-se, ainda, destituída de uma conscientização político-social que envolvesse a coletividade. Como seu mundo sempre foi restrito às terras do Santa Rosa, isso não teria sido possível se não optasse por fugir para o Recife. Na capital, buscaria vida própria, usufruiria de liberdade, lá estaria o sonho da oportunidade, da possibilidade de ser mais que um "bicho de serventia".

Emprega-se na casa do maquinista que o levou do engenho, depois na padaria de seu Alexandre, permanecendo como entregador de pães até o momento em que é preso e levado para Fernando de Noronha.

Na cidade, depara-se com experiências amorosas, estabelece um ciclo de amizades, e é por meio e influência dos amigos que passa a integrar a Sociedade dos Operários, que se propunha a defender os interesses da classe, sendo liderada pelo Dr. Pestana.

Percebemos, nesse romance, uma imagem de Carlos de Melo vista de forma exteriorizada – inédita no ciclo. O neto de José Paulino aparece como personagem secundário, sem maior relevância para o desenvolvimento da narrativa, como mais um entre os estudantes envolvidos nos movimentos revolucionários no Recife. Sua posição não se destaca, sendo apenas referido como um dos possíveis opositores à classe operária devido à sua origem de latifundiário.

Essa mudança de perspectiva – ressaltando que a publicação de *O Moleque Ricardo* se dá um ano após a de *Banguê* – torna-se importante para a construção de uma imagem diversificada daquele que, até então, era o narrador-personagem nos romances anteriores de José Lins do Rego, possibilitando, desse modo, um outro ângulo de visão. Atente-se para a seguinte passagem: “...Junto aos entusiastas da revolução do Dr. Pestana, Carlos de Melo passava por um intruso, sujeito perdido, que trazia nas costas os crimes de exploradores, de malvados senhores de escravos. Ele não podia se colocar em um ponto doutrinário que não lhe passassem na cara a sua condição de neto felizardo. Menino rico. As suas roupas eram olhadas com maus olhos” (pp. 88-89). “O moleque ficou pensando. Carlinhos era contra eles. Lembrou-se então do companheiro. De todos os meninos brancos de engenho era o melhor, o que brincava mais com os pretos. Vivia o dia na rua com eles” (p. 94).

As referências a Carlos, no romance, se dão quando sua figura é associada à oligarquia rural, provocando rejeição por parte dos estudantes e dos operários, e, ainda, através de algumas lembranças de Ricardo dos tempos do engenho.

Encontra-se, também pela primeira vez no ciclo, nesse livro publicado em 1935, um narrador de terceira pessoa, caracterizado, ainda, por apresentar uma postura irônica, que pode ser percebida ao longo de todo o texto. Notamos uma espécie de ironia sarcástica, quando há, por exemplo, a descrição da miséria que assola a família de Florêncio, em que o narrador iguala a urubus os filhos do operário:

O masseiro, a mulher, e quatro filhos, dormindo numa tapera de quatro paredes de caixão, coberta d zinco. Custavam 12 mil-réis por

mês. A água do mangue, na maré cheia, ia dentro de casa. Os maruins de noite encalombavam o corpo dos meninos. O mangue tinha ocasião que fedia, e ou urubus faziam ponto por ali atrás dos petiscos. Perto da rua lavavam couro de boi, pele de bode para o curtume de um espanhol. Morria peixe envenenado, e quando a maré secava, os urubus enchiam o papo, ciscavam a lama, passeando banzeiro pelas biqueiras dos mocambos (...) Os filhos de Florêncio passavam o dia pelo lixo que as carroças deixavam num pedaço de maré que estavam aterrando. (...) Os filhos de Florêncio faziam concorrência com os urubus, cascavilhando no lixo (p. 70).

Também no que diz respeito ao discurso paternalista e demagógico de Pestana, assim como à exposição de seu comportamento um tanto "suspeito", uma vez que se aproveita da classe operária como "massa de manobra", a fim de atingir a deputação tão almejada, percebemos uma ironia por parte do narrador. Há um paradoxo, uma aproximação de contrários que lhe reserva uma condição crítica, pois o líder do operariado pregava ideias socialistas, como poderia dispor dos homens como "coisa privada?": "Via-se o chefe Pestana de automóvel como senador. Os trabalhadores entregavam-se ao seu líder de braços abertos. Eles confiavam como crianças nas promessas, nos agrados do chefe. (...) Os operários eram dele. Dispunha da massa como de uma coisa privada" (p. 101).

Há ironia, por parte do narrador, também direcionadas aos estudantes, quando se ausência de princípios éticos, revelando a fraqueza de espírito diante da propina, do suborno, da redenção de uma elite "pensante" diante do luxo fácil daqueles que poderiam questionar e, quem sabe, até reverter, a ordem social imperante, mas se deixam levar, como o povo, afinal:

O fato que estudantes pobres andavam endinheirados, gente fazendo roupa nova, gastando nas pensões de raparigas. A autonomia de Pernambucano dava para muita coisa. Falava-se de um Bezerra, de um mulato sabido que comia dos dois lados. Comprara até o anel de formatura com este jogo. Bandeira andava de dentista, se embelezando, um Fonseca da Paraíba seria promotor. Antônio Campos nem se falava. Com o bolso cheio, se animava mais ainda para os desaforos. A faculdade se vendera (p. 140).

Percebemos ainda, referências irônicas em relação ao carnaval, visto por muito como tônico para os males sociais, como um momento em que se esquece a fome, como se a miséria reinante durante todos os momentos da vida se abrandasse: “Agora ninguém falava mais de revolução, do Dr. Pestana, da autonomia do Estado. Só do Carnaval se falava, se discutia, se cuidava” (p.158). “Depois do Carnaval voltava-se a falar outra vez de cheio na política” (p. 193).

Podemos dizer que se trata de um narrador crítico e irônico, na medida em que expõe uma realidade de maneira um tanto imparcial e distante, ao mesmo tempo em que cria certa proximidade com o universo de Ricardo, ou seja, a classe operária, destituída de direitos, marginalizada socialmente. Apesar de, em diversos momentos, apresenta-se onisciente, tal focalização não impede uma “ironia crua”, em que não se nota relação nem com o narrador de Menino de Engenho, Doidinho e Banguê – um Carlos de Melo pertencente à oligarquia rural – nem com o narrador, também de terceira pessoa, de Fogo Morto, cuja presença se retrai diante do destaque adquirido pelas personagens.

Em *O Moleque Ricardo*, a voz do narrador surge como denúncia, como uma mostra, sem viseira, da realidade social do Recife e do Brasil da época, como bem esclarece Virgínius da Gama e Melo: “Como *O Moleque Ricardo*, José Lins do Rego realiza o romance político, o mural político-social do Recife. Da servidão patriarcal do engenho, tira Ricardo para a proletarização urbana. (...) *O Moleque Ricardo* é um livro dominado essencialmente pelo econômico, um econômico que se expressa politicamente” (p. 278).

Aqui, como ocorre no ciclo da cana como um todo, José Lins também manifesta seu olhar cético. Há, também nesse romance, um anúncio de uma decadência que se aproxima, se alastra: para Ricardo, a cidade não correspondeu aos sonhos de liberdade de conquista que nutriu quando saiu do engenho, a miséria poderia ser maior e a fome mais profunda que nas terras do Santa Rosa, constata o moleque. As tristezas que viveu no Recife foram maiores que as alegrias. Morrem Guiomar, Odete, Florêncio, e tantos outros amigos; vem a prisão com o sentimento de que não poderia haver maior injustiça, e o que pensa pai Lucas, em relação aos homes bons que via partir no navio, rumo a Fernando de Noronha, sem julgamento, sem direitos.

Em *O Moleque Ricardo* a oposição cidade-campo surge de forma a amedrontar, inicialmente, o menino vindo do interior, pois a capital representava o desconhecimento, o porvir, um desafio a ser vencido, em enquanto o engenho seria uma espécie de porto seguro, já que a vida inteira tinha passado lá.

O trem puxava, as estações se sucediam. Ricardo notava que a gente que entrava pelo vagão já era diferente, gente mais despachada, ganhadores pedindo frete, moleques vendendo jornais. O Recife estava próximo. A cidade se aproximava dele. Teve até medo. Falavam no engenho do Recife como de uma Babel. 'tem mais de uma légua de rua.' 'Você numa semana não corre'. E bondes elétricos, sobrados de não sei quantos andares. E gente na rua que só formiga. O dia todo é como se fosse festa" (p. 37).

A cidade aparece como um símbolo de modernização, de emprego, de liberdade, enfim, de melhores condições de vida. Todavia, essas concepções se desintegram, passam a ruir, na medida em que não supera as expectativas, seja em relação a família de Florêncio, que sai do limoeiro do norte para a capital, seja em relação a Ricardo, que foge do engenho. Em ambos os casos as personagens passam por um processo contínuo de degradação. – o masseiro chega a falecer e Ricardo é preso -, o que comprova que a cidade também não oferece alternativas, a decadência se faz presente também no meio urbano de forma avassaladora. É o que reflete Ricardo quando está prestes a ser levado para Fernando de Noronha, sem qualquer tipo de julgamento, de preservação dos direitos humanos: "(...) Rafael (irmão mais novo de Ricardo) chorava para ele no dia em que ele saiu: 'Cardo, Cardo. Era como dissesse: 'Meu irmão vem cá, fica comigo, não vai para longe que o mundo te come, não vai para longe, meu irmão, que o mundo te come'" (302).

Sua última constatação sobre a cidade é que: "o Recife lhe dera de bom não compensava as tristezas e as mágoas em que ele se metera" (p.292).

Anulam-se, assim, as duas utopias: nem campo, nem cidade são capazes de acolher uma personagem que, afinal, encontra-se sem lugar.

Comentários finais

Os aspectos culturais apresentados em *O Moleque Ricardo*, que mais sobressai é a manifestação de religiosidade do Candomblé. José Lins foi feliz em revelar todo um espírito de harmonia e compaixão de um povo tão sofrido e perseguido na historiografia brasileira, a fé dos negros e o caráter aqui representado pelo personagem Pai Lucas vem quebrar todos os preconceitos e paradigmas de uma sociedade eletista e excludente no Brasil hegemônico.

A região Nordeste talvez seja a parte do Brasil mais fértil no que diz respeito as crendices e a religiosidade. *O Moleque Ricardo* é um romance recheado de exploração da fé popular. É perceptível as inúmeras vezes em que as personagens recorrem a Deus em socorro de suas aflições. Também nos chama atenção os costumes populares que refletem a respeitabilidade para com os mais idosos, principalmente os pais. Há semiótica cultural que faz fusão do religioso com o social, pois está de forma intrínseca estabelecida a submissão através do respeito e afetividade.

A culinária também é um aspecto relevante neste romance, ao passo que percebemos que José Lins descreve comidas típicas das regiões donde são oriundas as personagens e acaba por fazer uma combinação entre diversas regiões diferentes. A crença nos remédios da filosofia popular também se manifesta no romance com frequência.

O Povo nordestino é caracterizado pela alegria, apesar das dificuldades sócio-econômicas da região, essa alegria aparece em *O moleque Ricardo* através das cantorias, ora as populares, ora fruto de carnavais, símbolo cultural do país. Diante de tantas manifestações culturais apresentadas em *O moleque Ricardo*, podemos afirmar que nada é mais forte e tão bem reveladora que os traços culturais do Candomblé, religião afro-brasileira que na cidade de Recife tem muitos adeptos e na obra de José Lins é representada pelo personagem Pai Lucas, uma das mais belas figura já construída pela literatura brasileira, principalmente no tocante ao caráter e espírito humano que tem.

Referencias

- Amora A.S. (1977). *Historia da Literatura Brasileira*. São Paulo, Brasil: Ed. Saraiva.
- Batista, J. da G. (1994). *As fontes de Solidão, Ensaios Literários*. João Pessoa, Brasil: Ed. A União.
- Bosi, A. (2002). *Literatura resistência*. São Paulo, Brasil: Ed. Companhia das Letras.
- Câmara Jr, J.M. (1980). *Princípio de linguística em geral*. Rio de Janeiro, Brasil. Ed. Padrão.
- Candido, A. (1985). *Literatura e sociedade: estudos de teoria história literária*. São Paulo, Brasil: Ed. Companhia Editorial Nacional.
- Coutinho, A. (1990). *Coleção Fortuna Crítica 7*. José Lins do Rego. João Pessoa, Brasil: Ed. Funesc.
- Massaud, M. (1985). *A criação literária*. São Paulo, Brasil. Cultrix.
- Marques Jr, M. e Marinheiro, E. (1990). *Ser e o fazer na obra ficcional de Lins do Rego*. (Dicionário dos personagens). João Pessoa, Brasil: FUNESC.
- Montenegro, O. (1938). *José Lins do Rego. Em seu: O romance brasileiro*. Rio de Janeiro, Brasil: Ed. José Olympio.
- Proença, M. C. (1974). *Ensaio sobre O Moleque Ricardo*. Em seus: Estudos literários. 2. ed. Rio de Janeiro, Brasil: Ed. José Olympio.
- Rego, J.L. (2008) *O Moleque Ricardo*. Rio de Janeiro, Brasil: Ed. José Olympio.
- Soares, M. (1988). José Lins do Rego - o escritor universalista. In: *Ensaio sobre José Lins do Rego*. João Pessoa, Brasil: Ed. Fundação Espaço Cultural da Paraíba.
- Sobreira, I.B. (1971). *O romance de José Lins do Rego*. João Pessoa, Brasil. Ed. A União.
- Sodré, N.W. (1942). *José Lins do Rego Em seu: Orientações do pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro, Brasil: Ed. Ed. Vecchi.